

# Um estudo sobre a trajetória de Guillermo Furlong SJ

**Enviado em:**

11/04/2014

**Aprovado em:**

22/07/2014

**Mariana Schossler**

marianaschossler@yahoo.com.br

Mestranda em História

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

---

## **Resumo**

O presente artigo tem por objetivo reconstituir a trajetória do historiador argentino Guillermo Furlong SJ, principalmente, no que tange à sua formação, às influências que recebeu, a partir de suas leituras e do contato com outros intelectuais, e à rede de colaboradores que formou e que possibilitaram a escrita e publicação de muitos de seus trabalhos. Procuraremos compreender o percurso intelectual de Furlong, pensando, especificamente, na bagagem cultural com a qual pode contar para a escrita das biografias de missionários que atuaram como profissionais da cura no Rio da Prata do século XVIII

12

## **Palavras-Chave**

Guillermo Furlong SJ; Biografia; Percurso intelectual

## **Abstract**

This article aims to reconstruct the trajectory of the Argentine historian Guillermo Furlong SJ, mainly in terms of his training, the influences he received from his readings and contact with other intellectuals, and the network of collaborators he formed and that enabled the writing and publication of many of his works. We will seek to understand the Furlong's intellectual development, thinking, specifically the cultural baggage which he used to write biographies of missionaries who acted as professional healers in the River Plate eighteenth century.

## **Keywords**

Guillermo Furlong SJ; Biography; Intellectual development

## Introdução

No ano de 1979, a revista *Archivum*, da Junta de Historia Eclesiastica Argentina<sup>1</sup>, (JHEA), de Buenos Aires, lançou uma edição especial em homenagem ao historiador argentino Guillermo Furlong SJ. Trinta anos depois, a JHEA lançou uma obra inteira, intitulada apenas *Guillermo Furlong Cardiff*, dedicada ao mesmo, a partir de “*semiguardados textos biográficos de su larga vida, apuntes en hojas sueltas, borradores de cartas, artículos a medio empezar*” (JHEA, 2009: 5), a qual foi coordenada por Enrique Mario Mayochi, também historiador argentino, membro da associação. Furlong era membro da JHEA desde 1942, sendo seu primeiro vice-presidente<sup>2</sup> e diretor da revista que a Junta publicava, de 1959 até sua morte, em 1974. Os textos publicados na edição especial da *Archivum* são de autoria de colegas seus de Ordem, de ofício e de amigos, membros da associação ou não. Não há como especificar se estes autores foram convidados a escrever ou se ofereceram sua homenagem. Entretanto, foram escritos com o objetivo de oferecer aos leitores do periódico um testemunho sobre a vida de Furlong e são importantes, pois nos auxiliam a compreender qual a imagem que estes autores possuíam do jesuíta argentino.

Já a obra publicada pela associação é, em certa medida, uma nova edição de um texto que já havia sido divulgado no periódico *Archivum*. Este texto, segundo Mayochi (1979) havia sido escrito antes para uma homenagem ao jesuíta argentino e, por não ter sido publicado, foi adaptado à edição da revista. Ao ser editado em

13

1 Considerando-se o interesse pela história da Igreja na Argentina “*faltaba una institución cultural que orientara, ordenara y destacara la proyección histórica de estos estudios. Fue Monseñor José A. Verdaguer, primer obispo de Mendoza, quien propuso y logró que la Conferencia Episcopal Argentina, estableciera en la asamblea realizada en noviembre de 1938, la formación de una Junta de Historia Eclesiástica para fomentar el estudio de la historia de la Iglesia en la Argentina, y que tuviera a su cargo la conservación de los monumentos y objetos religiosos antiguos. La propuesta se hizo efectiva con la creación de un Comité que debía organizar dicha junta y preparar sus estatutos, y que integraron Monseñor Nicolás Fasolino, entonces obispo de Santa Fe (luego su arzobispo y más luego cardenal), los presbíteros Manuel J. Sanguinetti, párroco de San Pedro González Telmo y el sacerdote jesuita Guillermo Furlong. Poco después, el 11 de junio de 1942, la Junta de Historia Eclesiástica Argentina quedó establecida por decisión del Arzobispo de Buenos Aires, cardenal Santiago Luis Copello. [...] La Junta tenía por misión fundamental el estudio y la difusión de la obra realizada por la Iglesia Católica, asesorar a la Conferencia Episcopal en las consultas que se formularan y cooperar en la conservación y valoración de los monumentos y objetos artísticos religiosos*” (TANZI, 2012).

2 “*El 6 de julio [de 1742], quedaba constituida su primera Comisión Directiva: presidente Monseñor Nicolás Fasolino, el vicepresidente, Guillermo Furlong, el secretario el P. Francisco C. Actis y los demás integrantes: presbíteros Sanguinetti, Carlos Ruíz Santana, Miguel A. Vergara, Julio C. Vera Vallejo, Alfonso Hernández y frailes Buenaventura Oro, franciscano, Jacinto Carrasco, dominico (a cargo de las publicaciones), y el jesuita Pedro Grenón.*” (TANZI, 2012).

forma de livro, o texto foi modificado e apresenta diversas seções que abordam a vida de Furlong anterior ao ingresso na Companhia de Jesus, sua formação, sua atuação como professor e historiador, e, mais especificamente, seu trabalho sacerdotal, ressaltando o carisma do jesuíta e sua personalidade.

O presente artigo tem por objetivo reconstituir a trajetória<sup>3</sup>, a carreira de Guillermo Furlong SJ, principalmente, no que tange à sua formação, às influências que recebeu, a partir de suas leituras e do contato com outros intelectuais, e à rede de colaboradores que formou e que possibilitaram a escrita e publicação de muitos de seus trabalhos. Procuraremos compreender o percurso intelectual de Furlong, pensando, especificamente, na bagagem cultural com a qual pode contar para a escrita das biografias de missionários que atuaram como profissionais da cura no Rio da Prata do século XVIII.

### **Formação**

Em 1903, às vésperas de completar quatorze anos de idade, Guillermo Furlong Cardiff ingressa no Noviciado da Companhia de Jesus, em Córdoba. Furlong possuía ascendência irlandesa, tinha sido educado em escolas que seguiam os métodos de ensino das ilhas britânicas e havia começado a aprender espanhol somente um ano antes, quando de seu ingresso em uma escola da Ordem em Santa Fé, sua cidade natal. Neste último ano, havia estabelecido boas relações com um jesuíta, Julián Hurley, que teria sido exemplo para o menino Guillermo e definido seu ingresso na Companhia (GEOGHEGAN, 1979; MAYOCHI, 2009). Contudo, os motivos para o ingresso na Ordem ou sua vocação parecem ainda um tanto obscuros. Nem mesmo nos textos de Mayochi (1979; 2009), onde é possível encontrar uma maior quantidade de dados, esta questão fica clara. Parece, no entanto, que Furlong via em Hurley – que conquistou a simpatia do menino e incentivou seu ingresso na Companhia – um exemplo a ser seguido.

Furlong permaneceu por cerca de dois anos ainda na Argentina, onde iniciou seus estudos. Em meados de 1905, foi enviado por seus superiores à Espanha para dar continuidade à sua formação. Contava, então, com cerca de dezesseis

---

3 Para Benito Schmidt, a trajetória de vida nada mais é do que o “curso da vida”, a “carreira” do indivíduo. Entretanto, não deve-se entender por carreira apenas a atuação profissional. É necessário que se considere, também, como carreira o viés pessoal e privado do indivíduo a que se deseja estudar, abarcando-se, assim, múltiplas facetas da trajetória de vida em uma mesma narrativa. Sobre a reconstituição de trajetórias de vida ver os trabalhos de Schmidt (1997, 2004).

anos de idade e estudou, primeiramente, em Gandía. O fato de ser enviado à Espanha não parece causar nenhum estranhamento aos autores das obras com as quais trabalhamos. Mayochi (2009) afirma que era prática comum aos Superiores enviar os noviços para continuar seus estudos no exterior. Entretanto, não há qualquer menção sobre as razões da escolha da Espanha para a formação. Assim, a proximidade linguística e cultural pode ter sido fator preponderante na escolha.

Após estudar por um ano em Gandía, o jesuíta argentino dirigiu-se ao antigo mosteiro de Veruela, na província de Aragão. Neste meio tempo já havia feito seus primeiros votos, sendo que agora já estava apto ao estudo dos clássicos, tanto da literatura quanto da filosofia. Encontramos referências aos mais diversos autores que, tendo sido lidos e estudados, eram considerados de grande importância para a formação não apenas do jesuíta em si, mas que, segundo Mayochi (2009: 18-19), eram apreciados por Furlong:

Fue durante esos años cuando el adolescente entró en íntimo contacto, mediante atentas y saboreadas lecturas, con Milton y Shakespeare, Dante y Petrarca, Goethe y Schiller, Corneille y Racine. También lo hizo con Homero y Sófocles, Eurípides y Esquilo, Virgilio y Cicerón, Horacio y Julio César, clásicos de todos los tiempos que pronto ganaron las más íntimas preferencias de su ser.<sup>4</sup> (RUIZA et al., 2013)

15

Ao mesmo tempo em que lia e estudava os autores Clássicos, Furlong passou a ter algumas lições de metodologia<sup>5</sup> e paleografia. As informações encontradas nas fontes que consultamos nos permitem presumir que este foi seu primeiro contato com o que podemos denominar de “operação historiográfica”. Segundo Geoghegan (1979) e Mayochi (1979; 2009), este primeiro contato com metodologia e paleografia foi realizado através de Ramón O’Callaghan (1834-1911), “arquivista, professor e cronista da cidade” (PÉREZ: tradução minha) no

4 John Milton (1608-1674): poeta inglês que chegou a se dedicar à política antimonarquista durante o governo de Oliver Cromwell. William Shakespeare (1564-1616): dramaturgo e poeta inglês. Dante Alighieri (1265-1321): Poeta italiano. Francesco Petrarca (1304-1374): poeta e humanista italiano. Johann Wolfgang Goethe (1749-1832): escritor alemão. Friedrich von Schiller (1759-1805): poeta e dramaturgo alemão. Pierre Corneille (1606-1684): dramaturgo francês. Jean Racine (1639-1699): dramaturgo francês. Homero (séc. VIII a.C.): poeta grego. Sófocles (495-406 a.C.): poeta trágico grego. Eurípides (480-406 a.C.): poeta trágico grego. Ésquilo (525-456 a.C.): trágico grego. Virgílio (70-19 a.C.): poeta latino. Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.): orador, político e filósofo latino. Horácio (65-8 a.C.): poeta latino. Caio Julio César (100-44 a.C.): militar e político cuja ditadura pôs fim à República em Roma.

5 Considerando o contexto dos textos de Mayochi (1979) e Geoghegan (1979) e o fato de O’Callaghan atuar como arquivista, pode-se afirmar que a palavra metodologia refere-se à forma de se lidar com documentos e manuscritos para a escrita de obras históricas.

arquivo da Colegiata de Tortosa. Não é possível dizer quais foram essas primeiras lições e o contato com a prática historiográfica, mas sabe-se que durante o período de estudos na Espanha, o jesuíta argentino realizou viagens pelo país, para visitar arquivos e, muito provavelmente, diferentes casas e Colégios da Companhia de Jesus na região.

Em 1910, Furlong inicia seus estudos de Filosofia, desta vez, em Tolosa (MAYOCHI, 2009) e, um ano mais tarde, é enviado aos Estados Unidos, para o Woodstock College, que funciona junto à Universidade de Georgetown, onde, em 1913 recebe seu PhD. Novamente sua transferência é tratada com total naturalidade por autores como Geoghegan (1979) e Mayoichi (1979; 2009). Entretanto, cabe aqui o questionamento sobre as razões de seu envio à América do Norte. Teria sido mais natural enviá-lo a alguma cidade europeia, especialmente a Roma, se levarmos em consideração a localização dos principais arquivos da Companhia de Jesus, e, principalmente, se o jesuíta argentino já tivesse, na ocasião, demonstrado inclinação para o trabalho com documentos históricos. Considerando-se as fontes consultadas, pode-se levantar duas hipóteses para a viagem de Furlong para os Estados Unidos.

16 Para a construção da primeira hipótese, devemos inserir o jesuíta argentino no contexto europeu do final do século XIX e do início do XX que, acreditamos, pode fornecer elementos para justificar esta opção. Desde a restauração da Companhia de Jesus no início do século XIX, a situação da ordem na Espanha era muito instável, em decorrência da própria instabilidade política do país. Ao longo do século XVIII e primeiras décadas do XIX, a monarquia foi deposta em diversos momentos, entrando em cena governos de influência liberal<sup>6</sup> que se espelhavam nos acontecimentos da Revolução Francesa de 1789. Entretanto, a fragilidade destes governos fez com que, em poucos anos, a monarquia fosse restaurada, contando, muitas vezes, com apoio internacional. Neste ambiente de luta interna entre monarquistas e liberais, a Companhia de Jesus sempre foi muito mal vista, tendo sido expulsa mais de uma vez do país.<sup>7</sup>

Ao mesmo tempo, a situação europeia também era bastante instável. Após o

---

6 Os liberais impuseram uma Constituição entre os anos de 1820 e 1830, entre 1834 e 1851 após uma crise sucessória da monarquia e novamente entre 1868 e 1875, onde chegaram a formar a Primeira República em 1873.

7 Segundo Bangert (1972) a Companhia de Jesus foi expulsa do território espanhol em três ocasiões. A primeira ocorreu em 1820, sendo permitido o seu retorno em 1823. Em 1835 foi novamente dispersa, podendo regressar à Espanha em 1851 e, por último, em 1868 os jesuítas espanhóis foram novamente enviados ao exílio, sendo a Ordem restaurada no país em 1875.

Concílio Vaticano I, e com a Restauração Católica<sup>8</sup>, a Igreja procurou recuperar seu tradicionalismo, reafirmando a infalibilidade do papa<sup>9</sup> e procurando restabelecer alguns princípios definidos por ocasião do Concílio de Trento<sup>10</sup>. A principal luta do catolicismo era conter o avanço liberal dentro da própria Igreja, não apenas na Europa, mas também no continente americano (PRIEN, 1985). Já no final do século XIX, a principal questão a ser enfrentada era o avanço cada vez maior do socialismo por toda a Europa. Segundo Hobsbawm (2011) e Perry (2002), por toda a Europa o crescimento do socialismo tornava a situação política pouco a pouco mais frágil, principalmente nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial e

---

8 O Concílio Vaticano I foi convocado pelo papa Pio IX e iniciou-se em 1869. Segundo Rambo (1998: 148-149) “Durante as sessões do Concílio, os padres conciliares, sob a orientação de Pio IX, empenharam-se em afirmar e a reafirmar as linhas doutrinárias e as diretrizes disciplinares, tomando como referência principal o Concílio de Trento. A Restauração Católica nada mais significa do que a reforma da Igreja nas bases doutrinárias e disciplinares que as circunstâncias dos tempos impuseram e que finalmente foram formuladas nos documentos do Concílio. A Restauração Católica fundamenta-se, em primeiro lugar, na volta ao catolicismo tridentino, conduzido sob a autoridade direta do romano pontífice. Opõe-se, em princípio, a qualquer tipo de composição e, mais ainda, a qualquer forma de tutela do Estado. Foi neste contexto que surgiu o conceito de Ultramontanismo. Ultramontanos (da expressão ‘ultra monte = além das montanhas) são ou foram os teólogos, o clero, os religiosos e o povo em geral, que combatiam o galicismo dos católicos franceses que desejavam uma composição com o poder civil. Os ultramontanos reivindicavam como autoridade máxima aquela que tinha sua sede ‘ultra montes, além das montanhas’, o papa em Roma. Os princípios defendidos pela Restauração negavam qualquer tipo de ingerência do estado laico nos assuntos da Igreja e, por sua vez, a Igreja devia manter-se afastada do estado arreligioso, agnóstico ou ateu. A dinâmica da história, entretanto, não tardou em demonstrar que o poder civil e o poder religioso não podiam ignorar-se mutuamente ou simplesmente prescindir um do outro. Foi preciso encontrar uma fórmula aceitável de convivência. Esta fórmula, certamente, não consistia num passo para trás, retomando ou restaurando o regime de cristandade. Os saudosistas do regime passado somavam minoria e não existiam as mínimas chances de êxito. A saída para o impasse situava-se em outro lugar. O Estado, a sociedade civil e suas autoridades, a Igreja, a sociedade religiosa e suas autoridades têm obrigações para com os súditos. O Estado tem como obrigação garantir o bem-estar material do cidadão e à Igreja cabe zelar pelo bem-estar espiritual dos fiéis”.

9 “Com essas palavras está expresso o poder jurisdicional do papa sobre toda a Igreja. O papa é infalível em questões doutrinárias, quando fala *ex cathedra*, no exercício de sua função magisterial referente à fé e à moral. A decisão infalível do papa é válida para todo o mundo e tem sua base legal no poder decisório do papa, não no consentimento da Igreja. Assim, o catolicismo romano transformou-se em monarquia absoluta, sem restrição constitucional” (DREHER, 1999: 146).

10 De acordo com Dreher (1996: 124), “O Concílio de Trento é, segundo a contagem da Igreja Católica Apostólica Romana, o XIX Concílio Geral da Igreja. Seu significado histórico pode ser esquematizado nos seguintes aspectos: a) Com suas formulações antiprotestantes, o Concílio de Trento sacramentou definitivamente o cisma da igreja ocidental; b) Com a formulação de uma confissão de fé própria, a *Professio fidei Tridentinae*, em 1546, a qual deveria ser professada então por um sacerdote católico-romano, a igreja católico-romana passou a ser uma igreja confessional; c) Ao se tornar normativo para a reforma interna do catolicismo romano, superou o nominalismo, deu a seus adeptos uma doutrina clara (essa clareza se havia perdido em grande medida) e lançou as bases para uma igreja universal, ao reformar a administração e a vida eclesial”.

após a formação dos primeiros soviets na Rússia, em função dos acontecimentos de 1905.<sup>11</sup> Se tomarmos o caso específico da Espanha, temos a ascensão de grupos e sindicatos de trabalhadores que vão ganhando força e iniciam pressões sobre o governo, procurando melhorias nas condições de trabalho. Grande parte da Europa viu crescer os grupos socialistas, inclusive, no território do Reino Unido, com os fabianos.<sup>12</sup> (SCHUMPETER, 1961).

Em compensação, nos Estados Unidos, vemos uma situação inversa. No final do século XIX, a industrialização e a urbanização colocariam o país em uma situação bastante favorável no início da década de 1910 (PERRY, 2002). Embora existissem conflitos com o operariado, estes, segundo Schumpeter (1961), puderam ser logo contornados e os focos de partidários do socialismo foram sufocados pela grande maioria conservadora que buscava manter os altos índices de crescimento e de rentabilidade que o país alcançava. Ao mesmo tempo, a Companhia de Jesus já atuava em território norte-americano desde a primeira década do século XIX, contando com certa estabilidade e total liberdade para realizar seu trabalho, uma vez que a Constituição dos Estados Unidos garantia liberdade de culto a todos os cidadãos.

18 Pensando-se na situação de instabilidade vivida pela Europa e de seu contraponto na América do Norte, pode-se encontrar uma razão para o envio de Guillermo Furlong aos Estados Unidos. A estabilidade existente no outro lado do oceano Atlântico pode ter sido levada em consideração por seus superiores, tanto mais se levarmos em conta que a Universidade de Georgetown contava já com mais de um século de história em mãos jesuítas, sem contarmos sua tradição anterior, e que o Woodstock College, para onde, em 1869, foram transferidos os cursos de Filosofia e Teologia situava-se no reduto católico de Maryland (DEVITT, 1909). Entretanto, esta hipótese ainda possui suas lacunas, sendo que, possivelmente,

---

11 No ano de 1905, Nicolau II, czar russo, autoriza o assassinato de milhares de russos contrários ao regime, fato que ficou conhecido como “Domingo Sangrento”. Além disso, a revolta dos marinheiros do Encouraçado Potemkin, foi sufocada. A partir daí iniciou-se, sob o comando de Lênin, a articulação para a Revolução que culminará na tomada do poder pelos bolcheviques em 1917. (PERRY, 2002).

12 Os fabianos eram um grupo de intelectuais formado por pequenos burgueses que seguiam ideias de Bentham e Mill (SCHUMPETER, 1961).

apenas um estudo prosopográfico<sup>13</sup> poderia responder se foi uma prática usual dos superiores da Companhia de Jesus à época o envio de jovens noviços jesuítas para a conclusão de seus estudos nos Estados Unidos devido a sua maior estabilidade política ou se tal fato ocorreu apenas com alguns poucos missionários, como no caso de Furlong.

Por outro lado, pode-se pensar o envio do jesuíta argentino para a continuidade de seus estudos nos Estados Unidos a partir daquilo que nos séculos XVI, XVII e XVIII era conhecido como a política de “repartição dos operários da vinha do Senhor”, tão brilhantemente estudada por Castelnau-L’Estoile (2006). Segundo a autora, a Companhia de Jesus, em cada uma das regiões onde atuava, procurava confeccionar Catálogos, os quais trariam informações sobre as habilidades e o temperamento de cada um dos missionários, ou seja, seus talentos<sup>14</sup>, segundo uma classificação prévia dos mesmos. A partir da identificação do talento de cada um dos missionários, estes eram enviados para estudar ou trabalhar em

---

13 A prosopografia, ou biografia coletiva, é um método largamente utilizado por pesquisadores que se propõem a esclarecer questões sobre determinado grupo utilizando-se, para isso, das trajetórias de vida dos vários personagens deste grupo. Ao contrário da biografia – que se preocupa em partir do indivíduo e, a partir daí, situá-lo em um contexto – a prosopografia preocupa-se em partir de um determinado objeto mais geral (como a cátedra de uma Universidade, a elite de uma determinada cidade, etc) e, a partir das reconstituições das trajetórias dos diferentes personagens envolvidos no processo, apurar como estes contribuíram para a história do objeto geral em questão. Segundo Stone (2011: 3) “A prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas. O método empregado constitui-se em estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes - a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos e assim por diante. Os vários tipos de informações sobre os indivíduos no universo são então justapostos, combinados e examinados em busca de variáveis significativas. Eles são testados com o objetivo de encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação”. Sobre o método em sua totalidade, ver os trabalhos de Heinz (2006) e Stone (2011).

14 Segundo Castelnau-L’Estoile (2006: 211), “Podem-se classificar os talentos em diferentes categorias: talentos para ensinar, seja em nível elementar (*ad docendum*), seja em nível superior (*ad legendas facultates*); para a administração, que são ou de governo (*ad gubernandum*), ou de conselho (*ad consultandum*); para as tarefas espirituais: a pregação (*ad condicionandum*), a confissão (*ad audiendas confessiones*), o cuidado dos outros (*ad agendum cum proximis*), enfim, talentos ligados à gestão dos bens e à organização da vida material da província (*ad negotia curanda, ad officia domestica*). Os talentos concernentes ao trabalho missionário junto aos índios são claramente especificados; trata-se do talento para converter os índios (*ad convertendos Indos*), para catequizar (*ad erudiendos Indos*), para instruir (*ad docendos Indos*), para confessar (*ad audiendas confessiones Indorum*), para tomar conta (*ad agendum cum Indis*). Os talentos junto aos índios são claramente identificados e isolados dos outros (*talentum ad agendum cum Indis* é diferente de *talentum ad agendum cum proximis*; *talentum ad docendos Indos* é diferente de *ad docendos*). O contato com eles é, assim, percebido praticamente como uma questão de distinção de categoria”.

locais predeterminados, onde suas habilidades e seu temperamento pudessem ser aproveitadas ao máximo e, também, pudessem servir da melhor maneira possível ao trabalho da Ordem.

O estudo da distribuição dos missionários implica fatalmente estudar a política de pessoal: designação dos jesuítas por seus superiores para residir em certos lugares, para exercer certas atividades; o fato de os superiores poderem levar em consideração desejos de seus subordinados, embora sejam aqueles que decidam. A existência dos Catálogos breves, que precisavam ser preenchidos todos os anos, e dos Catálogos completos, que deviam ser enviados a cada três anos, exigia que os superiores pensassem em termos de “política de pessoal”, ou seja, não somente em função dos indivíduos, mas também no nível da província inteira. O provincial deveria “preencher” os diferentes locais onde os jesuítas estavam implantados, deveriam cuidar para que as competências de cada um fossem utilizadas. O estudo da distribuição dos missionários permite observar a política dos superiores com relação ao pessoal. (CASTELNAU-L’ESTOILE, 2006: 239).

Embora pudessem ser considerados os pedidos encaminhados por alguns dos missionários para atuarem em determinados locais ou em determinadas funções<sup>15</sup>, o ato de requerer ou de suplicar aos Superiores não significava que sua solicitação pudesse vir a ser atendida em algum momento. Em realidade, era tarefa dos Superiores, principalmente das Províncias, designar certa função a cada um dos membros, prestando atenção, principalmente, ao que de melhor esses missionários teriam para oferecer.

Os jesuítas não pensam em termos de carreira, mas de vocação; não pensam em termos de reivindicação, mas de necessidade de consolação. A obediência e a interiorização da obrigação são traços específicos da cultura jesuítica; da mesma forma, uma ordem vinda de um superior deve ser recebida como se fosse a expressão da vontade divina. Os superiores jesuítas estão encarregados não somente do desenvolvimento “profissional” de seus subordinados, mas de seu florescimento espiritual, e o cerne dessa política dos superiores frente a seus subordinados consiste em ajudá-los a buscar sua salvação. Os erros de escolhas na “política de pessoal” são gravíssimos, pois podem levar um homem a sua perda. (CASTELNAU-L’ESTOILE, 2006: 252-253).

Se considerarmos a política de “repartição de operários” trabalhada por

---

15 Era comum, nos séculos XVI, XVII e XVIII, que os missionários que estivessem por concluir seus estudos na Europa e tivessem interesse de atuar, por motivos diversos, nas missões da América ou da Ásia, enviassem cartas aos seus superiores informando sua vontade e suplicando para que esta fosse atendida e que pudessem atuar onde mais lhes aprouvesse.

Castelnuau-L'Estoile (2006) para os séculos XVI, XVII e XVIII, poderia-se, talvez, encontrar, juntamente com uma conjuntura internacional – que deve ser levada em conta – as razões para que os superiores de Furlong tenham optado por enviá-lo aos Estados Unidos. Segundo Bangert (1972), nos Estados Unidos, a Companhia de Jesus atuou, principalmente, na educação da população católica. Como a liberdade religiosa estava assegurada, durante o século XIX, o número de católicos cresceu bastante nos Estados Unidos por conta da intensa onda migratória de europeus para o país, fazendo com que, às vésperas do século XX, esta população chegasse a cerca de vinte por cento do total. Os jesuítas atuavam junto a essa população católica e também junto a todos – e de qualquer fé – que procurassem uma formação clássica através de escolas e universidades. Além disso, atuavam nos novos territórios anexados, principalmente nos do sul, na conversão dos indígenas nativos dessas regiões.

No final da década de 1910, um professor se destacaria no Woodstock College, para onde Furlong será enviado. Richard Tierney SJ era professor de pedagogia e havia escrito diversos artigos para a revista *America*, na qual expunha sua teoria pedagógica, os quais, posteriormente, viriam a ser publicados sob a forma de livro, intitulado *Teacher and Teaching* (1914). Tierney foi professor de Furlong durante sua estada nos Estados Unidos. Segundo Mayochi (2009), o jesuíta argentino escreveu uma monografia que versa sobre educação, intitulada *Popular education in the United States* (sem data definida), durante sua permanência na América do Norte e teria sofrido grande influência de Tierney ao escrevê-la.

Se levarmos em consideração a tradição jesuíta de atuação no ramo da educação nos Estados Unidos, juntamente com a influência exercida por Tierney e a política de “repartição de operários” da ordem, podemos presumir que os Superiores de Furlong podem ter encontrado no jesuíta argentino o talento para a docência, tanto que, posteriormente, depois de seu retorno à Argentina, atuará como professor, o que parece explicar seu envio aos Estados Unidos. Além disso, Furlong viveu durante seus primeiros treze anos de vida em um ambiente marcado pela fala inglesa, não havendo, assim, impedimento linguístico, o que poderia ser novamente aproveitado posteriormente em sua atuação. Sabe-se que, de fato, isto foi levado em conta, pois encontramos informações de que lecionou Língua Inglesa nos Colégios da Companhia de Jesus na Argentina (GEOGHEGAN, 1979; MAYOCHI, 2009). Mas as razões para o envio de Furlong aos Estados Unidos, onde concluiu os estudos em Filosofia demandam uma pesquisa de maior fôlego, que poderá confirmar ou refutar alguma das conjecturas acima expostas.

Quanto às leituras que fez e às atividades de que participou durante sua estada na América do Norte, e que podem ter contribuído para seus trabalhos futuros, recorremos ao texto de Ernesto Padilla (1979:73), inserido na revista *Archivum* e intitulado *Una especialidad: las biografías*, no qual podemos encontrar a seguinte informação:

Intima emulación le despierta la placentera lectura de la vida de Samuel Johnson por James Boswell realizada, en 1911, en la biblioteca de Woodstock College. La califica ‘un ideal de biografías, ya que no era el biógrafo sino el biografiado quien más intervenía en su composición’ y, desde entonces, formula la íntima aspiración de escribir la vida de algún ilustre compatriota en conformidad con esa técnica y con esa táctica.

Após sua chegada aos Estados Unidos, Furlong já toma contato com a escrita do gênero biográfico. Além disso, passa a visitar diversas bibliotecas e arquivos, como a Library of Congress (Washington), Peabody Library (Baltimore), New York Public Library (Nova York), Columbia University (Nova York) e a Hispanic Society (Nova York), além de conhecer cidades como Baltimore, Washington, Boston, Saint Louis, Filadélfia, Nova York e nova Jersey, frequentando centros culturais e conhecendo jesuítas que atuavam nestes locais diversos. Embora saibamos que o jesuíta argentino passou por estes arquivos e bibliotecas, não sabemos qual era seu objeto de pesquisa nesta época, nem encontramos notícias sobre documentos específicos que, muito possivelmente, estivesse procurando ou transcreveu.

Ainda durante seus estudos nos Estados Unidos, Furlong deu início a sua produção historiográfica com alguns ensaios, que chegaram a ser publicados. Embora não tenhamos encontrado qualquer data específica de publicação, Mayochi (2009) menciona os seguintes títulos: *Saint Francis Xavier's Sonet and its influence on English authors*, *Shakespeare in Spain*, *Fray Luis de León* e *The Spanish Lyries*. Sabe-se que escreveu uma *Brief History of Woodstock*, que não chegou a ser publicada, e, também, alguns artigos para a *Catholic Encyclopedia*, os quais também não foram publicados.

### **Furlong historiador**

Em meados de 1913, Guillermo Furlong retorna à Argentina. Contava, então, com vinte e quatro anos de idade e, como titulação, seu PhD em Filosofia pela

Universidade de Georgetown. Foi, então, destinado ao Seminário Metropolitano de Buenos Aires<sup>16</sup>, situado no bairro Villa Devoto. Passou a atuar como professor, ficando responsável por lecionar latim, grego, castelhano, geografia e história argentina.

Ainda em 1913, o jesuíta argentino inicia seu trabalho como historiador. Segundo Geoghegan (1979), é neste ano que Furlong passa a frequentar o Archivo General de la Nación<sup>17</sup>, em Buenos Aires, onde conhece o historiador Enrique Peña.

El señor Peña fue quien orientó definitivamente al padre Furlong hacia la investigación histórica, brindándole el siguiente consejo: ‘No lea libro alguno de historia, pero trácese una línea de estudio, una serie de temas afines, y frecuente el Archivo General de la Nación en busca de materiales sobre dichos temas y le aseguro que, al cabo de diez o quince años, quedará asombrado del material que habrá reunido... (GEOGHEGAN, 1979: 36).

Sabe-se que, entre os anos de 1913 e 1920, o jesuíta argentino permaneceu em seu país de origem, atuando como professor – sendo, inclusive, transferido para o Colegio del Salvador, em 1916, local onde residirá até sua morte – e

---

16 Local de formação do clero arquidiocesano da região portenha.

17 O Archivo General de la Nación foi fundado em 1821 e tem por objetivo de “Reunir, conservar y tener disponible para su consulta o utilización la documentación escrita, fotográfica, fílmica, videográfica, sónica y legible por máquina, que interese al país como testimonio acerca de su ser y acontecer, sea ella producida en forma oficial, adquirida o donada por instituciones privadas o particulares.” (AGN, 2013: s/p).

realizando frequentes visitas ao Archivo General de la Nación, ao Museo Mitre<sup>18</sup> e a bibliotecas pessoais, nas quais pôde realizar pesquisas (Geoghegan, 1979; Mayochi, 2009). Infelizmente, não encontramos quaisquer informações sobre os seus temas de pesquisa nesta época ou sobre os documentos que consultou durante as visitas aos arquivos. Ao que parece, entre 1913 e 1920, o jesuíta argentino não se ausentou por longos períodos de seu país, tendo realizado apenas viagens curtas, com o objetivo de visitar arquivos.

Em 1920, Furlong retorna à Espanha para concluir seus estudos de Teologia, que lhe permitiriam a ordenação sacerdotal, tendo sido enviado ao Colegio Máximo de Sarriá, em Barcelona. A partir deste período, temos notícias um pouco mais precisas sobre as pesquisas que Furlong fez na Espanha. Se levarmos em consideração que seus primeiros trabalhos escritos nos Estados Unidos versam sobre educação e literatura, é interessante constatar que, segundo Mayochi (2009:28):

Así lo hizo, en efecto, residiendo casi siempre en Barcelona; mas aprovechó las varias vacaciones estivales para visitar a Sevilla, Madrid, Simancas, París, Londres y Munich, cuyos archivos exploró y estudió ahincadamente en sus respectivas secciones americanas. Obviamente, centro de sus preferencias fue el sevillano Archivo General de Indias, donde pasó siete meses continuos y contó con la invalorable guía del padre Pablo Pastells y de don José Torre Revello, nuestro meritorio investigador histórico que por entonces revisaba pacientemente el

---

18 “Las gestiones del diputado nacional Dr. Manuel Carlés hicieron posible que unos meses después de la muerte de Bartolomé Mitre se sancionase la ley N° 4943 por la cual se autorizaba al Poder Ejecutivo comprar el inmueble donde vivió el patricio para formar el Museo Mitre (26 de junio de 1906). Como primer director fue nombrado Alejandro Rosa, quien había compartido con Mitre sus pasiones por los estudios históricos y numismáticos, plasmadas en su momento con la fundación de la Junta de Historia y Numismática Americana, institución que en 1938 cambió su nombre y hoy es la reconocida Academia Nacional de la Historia. Gracias a la celeridad en las tareas de organizar el museo sus puertas se abrieron al público el 3 de junio de 1907. Un primer objetivo fue editar numerosos volúmenes de documentación histórica y el Catálogo de lenguas americanas. Tras el deceso de Rosa, fue nombrado director honorario un nieto de Mitre, Luis Domingo Mitre. En dicho período fue muy importante la acción de Rómulo Zabala quien hizo editar los catálogos del museo y de numismática, prosiguiendo la transcripción y publicación de los papeles del archivo colonial. Cabe destacar que el 21 de mayo de 1942 el museo fue declarado monumento histórico nacional. Posteriormente le cupo a Juan Angel Fariní la conducción de la institución en dos períodos (1948-1956 y 1966-1973), época durante la cual se recuperaron elementos originales de la casa, como así también la adquisición de óleos y retratos de Mitre. Entre 1956 y 1966 otro nieto del patricio, Jorge Adolfo Mitre, ejerció como director honorario, procediéndose a realizar numerosas refacciones del edificio. A partir de 1973 ocupó la dirección del museo un bisnieto del general, Jorge Carlos Mitre, incrementándose sensiblemente su patrimonio gracias a un gran número de donaciones y adquisiciones. Desde 1978 el museo cuenta con la inestimable colaboración de la Asociación de Amigos del Museo cuya presidente es la señora Magdalena Sofía Narvaja. Desde 2002 el museo se encuentra bajo la conducción de la Lic. María Gowland.” (MUSEO MITRE, s/d:1).

cuatro veces secular repositorio.

De acordo com Mayochi (2009), neste período, Furlong manifestava um forte interesse pela história da América platina no período colonial:

Lanzado ya a la carrera de la investigación histórica, fue durante este lustro cuando Furlong descubrió y copió valiosos documentos que todavía hoy, a muchos años de distancia, continúan ofreciéndole novedades de base para los libros que da a la estampa con frecuencia. Así, en Barcelona halló, entre otros, un lote de cartas o memorias escritas por los misioneros jesuitas del Río de la Plata, compuestas para responder a preguntas concretas que sobre los indios de estas tierras las formulaba el padre Joaquín Camaño. En la parroquia del pueblo de Balbastro, al norte del monasterio de Veruela, encontró Furlong un baúl lleno de manuscritos de Félix de Azara. Pero por su juventud en esa época no pudo reconocer su importancia.

En el verano de 1921 copió a mano el ingente epistolario, movido por la convicción de que algún día le sería útil, como lo fue efectivamente [...]. Otro tanto hizo en Sevilla y en Madrid, en cuyo Archivo Histórico halló interesantísimos corpus documentales. En la Biblioteque National de Paris pudo examinar los muchos manuscritos americanos de lengua indígena que allí se conservan, mientras que en el British Museum vio y leyó numerosas obras tan raras como la Relación del padre Diego de Torres, de la que en la Argentina no hay ejemplar alguno conocido. Fue, finalmente, en la Biblioteca de los Bollandistas de Bruselas donde tuvo la satisfacción de ver, leer y extractar las Décadas de Techo, único ejemplar existente en repertorio alguno. (MAYOCHI, 2009: 29-30).

25

Em 1924, recebeu ordenação sacerdotal, tendo sido enviado ao Reino Unido para realizar sua terceira provação, na residência jesuíta de Mouth Street, em Londres (GEOGHEGAN, 1979) e em “*el 2 de febrero de 1926, hizo los [votos] correspondientes a coadjutor espiritual [...]. Pero muchos años después, a mediados de 1948, [...] el superior leyó una carta del General de la Compañía de Jesús en la que [...] se le concedía profesar solemnemente los cuatro votos*” (MAYOCHI, 2009: 30). Em 1925, retornou à Argentina e às aulas das disciplinas de literatura castelhana, apologética, história argentina, instrução cívica e inglês.

Em 1929, Furlong publicou seu primeiro livro sobre temas históricos, intitulado *Glorias Santafesinas*, que versa sobre a história da Argentina colonial. Desde seu retorno à Argentina, em 1913, a grande quantidade de documentos e informações que conseguiu reunir em suas visitas aos arquivos e bibliotecas argentinas e europeias possibilitou a escrita de diversos artigos, muitos deles, publicados na revista *Estudios*, da Academia Literaria del Plata e da Universidad del Salvador, em Buenos Aires.

Fato curioso em relação à publicação de seus trabalhos é que grande parte dos mesmos, cerca de 390, foram publicados com a utilização de pseudônimos<sup>19</sup>. Estes textos versam sobre os mais diversos temas, contemplando desde história da América colonial até a história política Argentina no século XIX, sendo que Furlong assinou alguns deles como Juan Cardiff, Francisco Talbot e, inclusive, como Guillermo Paucke, entre outros. Pode-se presumir que, dependendo da linha editorial da revista para a qual havia encaminhado o artigo ou do assunto que ele abordava, Furlong não utilizava seu verdadeiro nome, ocultando assim sua condição de membro da Companhia de Jesus.

Sus características personales, los temas de los cuales se ocupó y el tratamiento que dio a estos no contribuyeron a facilitar que Guillermo Furlong estableciera vínculos masivos; tampoco le dispensaron su favor los medios de difusión. Su condición de sacerdote jesuita le franqueó algunas puertas, pero por la misma razón le fueron cerradas otras y en las narices; no podía salvarse de sufrir las secuelas de los enfrentamientos entre filias y fobias, máximo cuanto tomó parte en ellos. (TESLER, 1994: 15).

26

Entre os anos de 1930 e 1935, Furlong foi destinado ao Colegio del Sagrado Corazón, em Montevideo, Uruguai. Ao retornar ao Colegio del Salvador, publicou o texto intitulado *Un médico colonial: Segismundo Asperger* (1936) na revista *Estudios*. Em 1937, participa do II Congresso Internacional de Historia de

---

19 “La seudonimia es, ante todo, una práctica autoral que viene de épocas remotas, de épocas clásicas, hoy transformada en un derecho incuestionable e internacionalmente aceptado. A veces este derecho es ejercido involuntariamente y hasta por compulsión de circunstancias ajenas al autor. Distinto es el empleo de nombre supuesto en la documentación o actuaciones públicas” (TESLER, 1994: 7).

América<sup>20</sup>, realizado em Buenos Aires, atuando como relator da seção de História Religiosa. No mesmo ano, Enrique Udaondo apresenta o jesuíta argentino para a Academia Nacional de La Historia, para a qual foi nomeado membro, ocupando a cadeira de número 31, em 1939.

Em 1940, “se lo nombra asesor general de la Juventud de la Acción Católica Argentina. Pide a sus superiores que le permitan dejar la cátedra de historia argentina por entender que era desmoralizador para sus alumnos ‘el tener que contradecir, [...] los textos oficiales’” (GEOGHEGAN, 1979: 33). Pode-se presumir que sua nomeação para este cargo deu-se a partir de sua já reconhecida atuação como professor, o que corroboraria nossa hipótese sobre as razões para seu envio para os Estados Unidos, pois apresentava o carisma necessário para a o trabalho pastoral junto à juventude. Vale lembrar que a Acción Católica surgiu na Argentina na década de 1920 e foi responsável por expandir e fortalecer o catolicismo no país, alcançando as zonas rurais e as bases populares da sociedade. Durante boa parte do século XX, a Igreja argentina procurou se adaptar aos regimes de governo, procurando apoiá-los de alguma forma e alimentando o nacionalismo católico. Contudo, seu principal objetivo era a manutenção do *status quo*, negligenciando a justiça social, mantendo, assim, o tradicionalismo próprio da instituição.

27

Durante el período 1930-1943 la mentalidad predominante en la jerarquía estuvo caracterizada por el integrismo; es decir, que en un momento en que Argentina estaba dominada por regímenes autoritarios la Iglesia, partiendo de su tradicionalismo y de su inclinación antiliberal, alimentó el nacionalismo argentino con la idea de que el “reino de Dios” encontraba su expresión en la nación argentina [...]. (PRIEN, 1985: 567).

---

20 “El Congreso de Historia de América es una institución llamada a promover y relacionar las actividades superiores de Academias e historiadores del Nuevo Mundo. Es una institución científica, en primer término, al estimular las investigaciones originales en el dominio de la Historia Americana, desde la Conquista a nuestros días (las épocas Prehistórica y Protohistórica y el Descubrimiento son los temas propios del Congreso de Americanistas). Su consecuencia inmediata ha sido el intercambio de publicaciones históricas, documentales y bibliográficas, que editan las Academias, Institutos o Juntas de Historia y Universidades, así como también las que realizan los investigadores separadamente. Sobre estas bases objetivas se elaboran los juicios e interpretaciones históricas, influenciándose recíprocamente en el estudio de problemas comunes. El Congreso Internacional de Historia de América es también una institución cultural y patriótica para la difusión del saber histórico. La historia erudita es el laboratorio de trabajo del investigador, pero el historiador moderno está obligado a preparar la síntesis. Esta noción de la síntesis histórica – bandera de escuelas de historiadores en Europa – es la que estamos adoptando en la preparación de la historia de naciones de este Continente. Por último, el Congreso Internacional de Historia de América es una institución de orden pedagógico, porque a la luz de la verdad histórica defiende y preserva el patrimonio moral de sentimientos e ideales solidarios de los pueblos hermanos de América.” (LEVENE, 1937: 8-9).

Em 1942, Furlong passou a integrar a Junta de História Eclesiástica Argentina, tendo sido seu primeiro vice-presidente. Dirigiu a revista *Archivum*, desta instituição, entre os anos de 1959 e 1974. Durante a segunda metade da década de 1940, publicou uma série de obras da coleção *Cultura Colonial Argentina*. Por último, “em 1956 fundou a Sociedade de Geografia e tornou-se seu primeiro presidente. Em 1970, foi nomeado membro do Instituto de Cultura Hispânica de Madrid” (MURRAY, 2008: 357).

Cabe mencionar ainda que o jesuíta argentino recebeu diversos prêmios por seu trabalho como historiador, sendo os principais “o Prêmio Nacional de História (1952), a Ordem Espanhola de Isabel la Católica, e doutorados *honoris causa* pela Universidade del Salvador (1962) e Universidade de Buenos Aires (1971)” (MURRAY, 2008: 357).

Guillermo Furlong faleceu em vinte de maio de 1974, com a idade de 86 anos, quando regressava de metrô de uma conferência proferida em Villa Devoto.

### **Rede de colaboradores e financiamento para a publicação de obras: regime de mecenato**

28

Apesar das viagens realizadas para a Europa e para os Estados Unidos, durante as quais, visitou e consultou diversos arquivos e bibliotecas, Furlong produziu seus trabalhos em território argentino. Além de utilizar a documentação existente no Archivo General de la Nación e no Museo Mitre, boa parte de suas pesquisas foi realizada em bibliotecas privadas, onde bibliófilos mantinham ricas coleções, as quais, ao que parece, contribuíram de forma considerável para os dados que Furlong divulgou em suas obras.

Sabe-se que a rede de colaboradores formada pelo jesuíta argentino ao longo de seus anos de pesquisa é bastante extensa. Entretanto, poucos são os dados disponíveis sobre os que compunham o círculo de relações de Furlong. Tentaremos aqui, na medida do possível, oferecer um panorama desta rede de colaboradores, sem o intuito de esgotar o tema, mas procurando compreender o ambiente em que se encontrava inserido e identificar os intelectuais com os quais o autor mantinha contato frequente.

A partir dos trabalhos de Geoghegan (1979) e de Mayochi (1979; 2009) podemos presumir que um dos primeiros intelectuais com quem Furlong teve contato foi Enrique Peña. Algumas páginas acima, transcrevemos um conselho

dado por Peña ao jovem jesuíta, sendo que, ao que tudo indica, o historiador Peña era “*varón de presencia aristocrática y poseedor de selectísima biblioteca*” (GEOGHEGAN, 1979: 36). Ao frequentar o acervo pessoal de Peña, o jesuíta argentino entrou em contato com Samuel Lafone y Quevedo e Luis María Torres, que também o consultavam para suas pesquisas. Sobre Torres não encontramos maiores informações. Contudo, sabemos que Lafone y Quevedo tinha origem inglesa e que Furlong visitava o amigo no Hotel Los Dos Mundos, onde residia e realizava seus estudos.

Posteriormente, no Instituto de Investigaciones Históricas de la Universidad de Buenos Aires, o jesuíta argentino conheceu a Emilio Ravignani e a Juan Canter. Segundo Furlong, Ravignani foi um notável estudioso, que dedicou boa parte de seu tempo às questões políticas (GEOGHEGAN, 1979). Já no caso de Canter, as relações com o jesuíta foram rompidas em função de apreciações divergentes.

Entre os anos de 1920 e 1930, outro bibliófilo cedeu sua biblioteca pessoal para que Furlong pudesse realizar seus estudos. Trata-se do médico Miguel Angel Fariní, que, em diversas ocasiões, deixou o jesuíta consultar seu acervo enquanto atendia a seus pacientes.

Ao realizar um levantamento, sobre os principais colaboradores de Furlong, aqueles que com certeza abriram seus arquivos e bibliotecas pessoais para que realizasse seus estudos, Geoghegan (1979) nos informa que o jesuíta argentino teve acesso aos acervos de Clemente Fregeiro, Félix F. Outes, Alejo Gonzáles Garaño, Antonio Dellepiane, Antonio Larrouy e Mario Belgrano, além dos já referidos.

Por fim, podemos citar a Pablo Cabrera, intelectual argentino que Furlong conheceu ao passar por Córdoba e Jose Torre Revelo, com quem trabalhou no Archivo General de Indias, no período em que esteve na Espanha estudando Teologia, além de intelectuais uruguaios com quem teve contato no período entre 1930 e 1935, quando atuou no Colegio del Sagrado Corazón, em Montevideo.

Uma outra categoria de colaboradores possibilitou a publicação dos trabalhos de Guillermo Furlong: os mecenas<sup>21</sup>, ou como prefere Geoghegan (1979),

---

21 Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, autor do dicionário *Aurélio* (2008: 554), mecenas significa “patrocinador das letras, ciências e artes, ou de artistas e sábios”. Este regime de colaboração é famoso por ter sido muito utilizado durante o Renascimento, onde nobres financiavam a execução de determinadas obras por parte de artistas, fossem eles escultores, pintores, cientistas ou escritores. Neste sentido, podemos considerar como mecenas, e não apenas como benfeitor – “aquele que faz o bem ou que faz benefícios” (FERREIRA, 2008: 173) – aos colaboradores de Furlong que financiaram algumas de suas publicações.

os *bienhechores*. Em diversos momentos, o jesuíta argentino contou com amigos e conhecidos, que se dispuseram a financiar a publicação de uma ou mais obras e também com editores que garantiram a impressão de seus livros e possibilitaram que estes viessem à público.

A obra *Glorias Santafesinas* (1929), assim como uma obra em homenagem a outro de seus colaboradores, intitulada *José Torre Revello “a self-made man”* (1968) foram publicadas com o auxílio de Francis B. O’Grady, cidadão estadunidense que já havia possibilitado a chegada à Argentina das congregações das Hermanas de la Pequeña Compañía de María e dos cistercienses Monjes Trapenses. Outro mecenas foi Reginald Doublet, “*caballero inglés y protestante, que estuvo muchos años entre nosotros [argentinos] y fue presidente del Banco de Londres y América del Sud*” (GEOGHEGAN, 1979: 39). Contudo, não nos foi possível encontrar informações sobre as obras de Furlong que ele tenha financiado. Foram também seus mecenas, Enrique Udaondo, que já o havia apresentado à Academia Nacional de la História e, também, Elisa Peña, filha do historiador Enrique Peña, que o conhecia desde o ano de 1913.

30

Alguns editores facilitaram o pagamento da impressão de algumas de suas obras, tornando assim mais fácil a divulgação dos trabalhos do jesuíta argentino. Segundo Geoghegan (1979), em alguns momentos, Furlong utilizou os rendimentos obtidos com a venda das obras já publicadas para financiar a publicação de outros trabalhos. Entretanto, quando não foi possível encontrar um mecenas que pudesse assumir as despesas de impressão, os editores tiveram grande tolerância em relação ao pagamento destes custos.

Entre os principais editores que colaboraram para a publicação das obras do jesuíta podemos encontrar seu “*ex alumno e impresor favorito, el Sr. José Alberto Fuselli, [...] en cuyos Talleres Gráficos San Pablo ha impreso el padre Furlong la mayoría de sus trabajos. [...]*”. Após a morte deste editor, seus colaboradores foram “*Dr. Pedro San Martín, de la Editorial TEA, y al Dr. Miquel Cullen, de quien son los talleres gráficos Crisol, en los que después del deceso del señor Fuselli publicó el padre Furlong no pocos de sus trabajos*” (GEOGHEGAN, 1979: 39).

Guillermo Furlong publicou cerca de dois mil trabalhos ao longo de sua vida, a maioria deles versando sobre a história da América platina colonial. Parte de sua obra reconstituiu trajetórias de vida, resgatando personagens da história argentina, principalmente, de missionários jesuítas que atuaram nas reduções da região platina. Textos como os supracitados *Un médico colonial: Segismundo Asperger* (1936) e os volumes sete e oito da coleção *Cultura colonial argentina*,

intitulados, respectivamente, *Médicos argentinos durante la dominación hispánica* (1947) e *Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica* (1948), são apenas uma amostra de sua vastíssima obra, e que nos podem indicar qual foi sua metodologia de análise histórica e sua concepção de história.

### **Considerações finais**

O presente artigo pretendeu apresentar a trajetória de Furlong, desde seu ingresso na Companhia de Jesus, passando pelos seus diferentes períodos de formação, destacando, ainda, algumas das influências que recebeu, como a que decorreu da leitura da *Life of Samuel Johnson* (1787), de autoria de James Boswell, e do conselho dado por Enrique Peña, em 1913, quando ainda era um jovem jesuíta e estava iniciando sua carreira de historiador da Companhia de Jesus. Além disso, pudemos reconstituir, pelo menos, em parte, a rede de colaboradores que formou, tanto para acessar acervos documentais, quanto para publicar seus trabalhos. Sabemos que ainda restam lacunas a serem preenchidas e hipóteses a serem confirmadas ou refutadas a partir de um estudo mais aprofundado. Mesmo assim, procuramos, neste trabalho, dar um primeiro passo na tentativa de recriar o contexto e as pessoas com quem Furlong se envolveu e as motivações que o levaram a escrever sobre a história da América e, em especial, sobre a história de seu país natal, a Argentina.

31

### **Referências Bibliográficas**

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. *Funciones*. Disponível em: <http://www.mininterior.gov.ar/archivo/mision.php?idName=arc&idNameSubMenuDerPrincipl=arcMision&idNameSubMenu=&idNameSubMenuDer=arcMision>. Acesso em: 18/11/2013.

BANGERT, William V. *Historia da companhia de Jesus*. São Paulo: Loyola, 1972.

BARNADAS, Joseph M.. A Igreja Católica na América Espanhola Colonial. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina: Volume I América Latina Colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 521-551.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620*. Bauru. SP: Edusc, 2006.

- DEVITT, Edward. Georgetown College in the early days, *Records of the Columbia Historical Society*, Washington D.C., v. 12, 1909, p. 21-37.
- DREHER, Martin. *A crise e a renovação da igreja no período da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Coleção História da Igreja; v. 3).
- \_\_\_\_\_. *A igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. (Coleção História da Igreja; v. 4).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2008.
- FURLONG, Guillermo. *Antonio Sepp y su 'gobierno temporal', 1732*. 1. ed. Buenos Aires: Theoria, 1962. 130 p. (Escritores coloniales rioplatenses; 12)
- HEINZ, Flávio M. (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios, 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- 32 MURRAY, Edmundo. Guillermo Furlong (1889-1974). In: BYRNE, James; COLEMAN, Philip; KING, Jason (Org.). *Ireland in the Americas*. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2008.
- MUSEO MITRE. *Orígenes y creación*. Disponível em: <http://www.museomitre.gov.ar/historia.htm>. Acessado em 25/07/2013.
- PÈREZ, Óscar. *Historiadores de primera: Mn. Manuel Betí Bonfill*. Disponível em: [http://www.bisbattortosa.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=527](http://www.bisbattortosa.org/index.php?option=com_content&view=article&id=527); Acessado em 23/07/2013.
- PERRY, Marvin. *Civilização Ocidental: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PRIEN, Hans-jürgen. *La historia del cristianismo en america latina*. Salamanca: Sígueme, 1985.
- RAMBO, Arthur Blásio. A Igreja da Restauração Católica no Brasil Meridional. In: DREHER, Martin Norberto. *Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja*. Porto Alegre: Edições EST/São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- RUIZA, Miguel, et all. *Biografias y Vidas*. Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/>. Acesado em: 22/07/2013.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História Unisinos*, Vol. 8, N° 10, Jul/ Dez, 2004, p. 131-142.

\_\_\_\_\_. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 19, 1997, p. 3 - 21.

SCHUMPETER, Joseph Alois. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

STONE, Lawrence. Prosopografia. *Revista de Sociologia e Política*, Vol. 19, N° 39, Curitiba, Junho, 2010

TANZI, Héctor J. *Historia de la Junta Eclesiástica Argentina*. Conferencia pronunciada el 11 de junio de 2012 al concluir la Asamblea de la Junta de Historia Eclesiástica Argentina. Disponível em: <http://www.jhea.org.ar/historia.html>. Acessado em: 24/07/2013.

TESLER, Mario. *La obra oculta del padre Furlong*. Buenos Aires: Ediciones Theoría, 1994.

VANCE, John. Introduction. In: VANCE, John (Org.). *Boswell's life of Johnson: new questions, new answers*. Georgia-USA: University of Georgia Press, 1985.

33

FURLONG, Guillermo. Un médico colonial: Segismundo Asperger. *Estudios*. N° 54, p. 117-148, 1936.

\_\_\_\_\_. *Médicos argentinos durante la dominación hispánica*. Buenos Aires: Editora Huarpes S.A., 1947.

\_\_\_\_\_. *Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica*. Buenos Aires, Huarpes, 1948.

GEOGHEGAN, Abel Rodolfo. Apuntes para una biografía de Guillermo Furlong, *Archivum*, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 31-42.

MAYOCHI, Enrique Mario. El hombre, el sacerdote, el historiador, *Archivum*, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 43-56.

\_\_\_\_\_. *Guillermo Furlong Cardiff*. Buenos Aires: Junta de Historia Eclesiástica Argentina, 2009.

PADILLA, Ernesto E. Una especialidad: las biografías. *Archivum*, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 73-76.